

A ARTE DE ILUDIR E NÃO SER ILUDIDO

José Maurício Guimarães

A pessoa esperta prefere que os outros sejam necessitados dela do que agradecidos. Sobrepujar o chefe é imprudência e fatalidade. Por isso, é aconselhável que você camufle sua própria capacidade. Devemos confundir a atenção das pessoas rivais e, para isso, não devemos agir sempre do mesmo modo. Conduzir pela expectativa e contínua esperança é próprio dos dirigentes. Acreditar na gratidão é próprio dos subalternos, pois o que a expectativa e a esperança têm de boa memória, a gratidão tem de esquecimento. Mais se consegue da dependência do que da cortesia; acabada a dependência acaba a correspondência, e com ela a estima. Seja lição principal de quem dirige: - sustentar a esperança sem nunca satisfazê-la e sempre fazer-se de indispensável.

As sentenças acima podem parecer cínicas, mas acreditem: foram escritas por um teólogo e filósofo, prosador e padre jesuíta de nome Baltasar Lorenzo Gracián.

Gracián nasceu em 1601 e morreu em 1658, na Espanha. Entre suas obras – muitas delas escritas usando um pseudônimo – adquiriu fama "A Arte da Prudência", texto mais maquiavélico do que os do próprio Maquiavel.

O pensamento de Gracián nos ajuda a compreender o caráter e as atitudes dos governantes, dos chefes, dos patrões, comandantes, líderes e homens que presidem as sociedades civis, sejam elas corporações, fundações, empresas, etc.

Pensando bem, quando Gracián diz "*sustentar a esperança sem nunca satisfazê-la*", não é difícil estabelecermos uma identificação com aquele telefonema que ficamos esperando durante meses ou aquela reunião que nós mortais julgamos importantes e que os chefes empurram com a barriga para o *Dia-de-São-Nunca*, à tarde, pois a ingênua expectativa e esperança mantêm a sacrossanta imagem do chefe na tola e infeliz memória dos lacaios.

Apesar de a maioria de nossos chefes não terem lido Gracián, o certo é que eles aprenderam suas premissas de alguma outra fonte, sabe o diabo onde! O mais curioso ainda é que, mesmo os imbecis – os lacaios que sem mérito algum alcançam posições-chaves nas organizações – parecem ter lido "A Arte da Prudência" de Baltasar Gracián. Chego mesmo a pensar que algum espírito mágico (íncubo ou súcubo) desça sobre eles durante o sono da noite e enfie neles a velhacaria e a astúcia com as quais alcançam o galardão de carregar a mala do chefe do estacionamento até a sala da presidência.

Há sempre um interesse oculto e artiloso no homem servil, assim como uma maldade finória no homem que se deixa servir. São dois extremos que se tocam: o imbecil e o astucioso – um não vive sem o outro, são os polos positivo e negativo de uma corrente elétrica, o cabo e a lâmina da espada que pretende dominar a sociedade os governos, fundações, empresas e corporações.

Na Idade Média, os senhores feudais tinham sempre ao seu lado um bobo-da-corte, fantasiado de coringa com guizos no chapéu tricórnio e no bastão zombeteiro. O bobo-da-corte saltava de um lado para o outro; zombava das pessoas, humilhava os inimigos do patrão, alcovitava as relações sexuais da corte, distraía os maridos cornudos e, ao menor sinal de perigo contra eles, corriam como cachorrinhos para se aninharem aos pés do devasso senhor feudal. Diante de pessoas que buscavam lugar ao sol, o bobo-da-corte sorria escancarado, dava pulinhos no ar, tapinhas nas costas, sussurrava, contava piadas e, quando menos se esperava, lá estava ele passando o relatório completo para o senhor feudal. Isso, acreditem! – existe ainda.

"A Arte da Prudência" de Baltasar Gracián, também chamada "Oráculo Manual", prossegue:

"A maior fraqueza de uma pessoa é ela mostrar-se apenas humana; valha-se de sua novidade, pois enquanto você for novidade, será estimado.

Saiba torna as pessoas obrigadas pelo favor que você lhes fizer: alterne a astúcia da serpente com a candura da pomba.

Crie expectativa sobre seus planos e nunca os revele.

Que nem tudo em você seja filosofia: dê um toque de comerciante em todas as suas ações.

Saiba manejar convenientemente a verdade, pois ela é uma coisa perigosa.

Aja sempre por intenção: às vezes por primeira, às vezes por segunda.

Ache o ponto fraco de cada um para poder movimentar a vontade de todos.

Conheça os afortunados e os azarados para procurar aqueles e fugir destes."

Em meio a trezentos preceitos artilosos, Baltasar Lorenzo Gracián também se estende por mais de duzentas proclamações de bom senso, sabedoria e correção. Mas o que sobrou de sua doutrina, foi mesmo a velhacaria.

Mais do que "A Arte da Guerra" de Sun Tzu ou "O Príncipe" de Maquiavel, este "Oráculo Manual" de Gracián é mais útil nos dias de hoje, pois ajuda a conhecer os canalhas e os que fingem de mortos.